

A esperança: a visita do presidente Reagan.

Nosso analista, Celso Ming,
explica por que as contas externas do
Brasil ficam mais difíceis. E como a
visita de Reagan pode significar ajuda.

*economia
Brasil*

Se o ministro da Fazenda está admitindo uma perda ainda maior de reservas, então a situação do balanço brasileiro de pagamentos continua muito séria. Bem mais séria, certamente, do que as declarações otimistas do ministro Delfim Neto pretendiam fazer crer.

As reservas são a gordura da economia. Normalmente, um país tem de ter reservas livres correspondentes a três meses de importação. Pelo menos é o que recomendam as normas do Fundo Monetário Internacional. Como as importações vêm oscilando em torno de 1,7 bilhão de dólares, o certo seria que o Brasil dispusesse de pelo menos 5,1 bilhões de dólares depositados no Exterior para cobrir qualquer emergência.

Ocorre que, há alguns meses, o Banco Central já não divulga mais o valor das reservas, porque seu volume atual provocaria escândalo internacional. Há quem diga que estejam beirando os dois bilhões de dólares, um número que não pode ser nem comprovado nem desmentido, dado o novo regime de censura adotado pelas autoridades da área externa. Quem se lembra de que, há nada menos de oito anos, as reservas externas do Brasil estavam a 6,4 bilhões de dólares, valor cor-

respondente a folgados seis meses de importação?

O que há, portanto, é que o Brasil está queimando o resto da gordura que tem. A partir de agora, se não houver uma reviravolta na situação, as contas externas começarão a consumir carne e osso da economia.

Preços baixos

A grande esperança do governo era a de que os preços das matérias-primas brasileiras de exportação começassem a reagir. Infelizmente, não é o que está acontecendo. No dia 18 de outubro, por exemplo, as cotações das treze mais importantes matérias-primas industriais do mundo estavam 0,5% mais baratas do que trinta dias antes e 14,4% mais baratas do que um ano antes — segundo a revista norte-americana Business-Week. Os preços dos grãos também não mostram reação significativa.

A única vantagem do Brasil — a manutenção da queda das taxas internacionais de juros — não chega ainda a garantir uma situação mais cômoda para o balanço de pagamentos.

Ainda que o ministro do Planejamento venha afirmando que as contas externas deste ano já têm

cobertura, não há lugar para muito otimismo. O balanço de pagamentos não se fecha apenas no fim do ano. Fecha-se todos os dias. O fim do ano é apenas uma ficção. As contas externas vencem todos os dias, como vencem também todos os dias as contas de qualquer grupo familiar.

A grande esperança é essa viagem do presidente Ronald Reagan a Brasília, no fim deste mês. A presença do presidente dos Estados Unidos deverá funcionar como agente catalizador para novos empréstimos externos ou adiamento de amortizações, e isso poderá permitir algum respiro.

Mas isso não resolve. Tudo leva mesmo a crer que o governo será obrigado a baixar drásticas decisões para reduzir despesas, principalmente com importações. Isso significa que, apesar dos desmentidos, teremos um período de recessão econômica a partir dos próximos meses. A menos que a Petrobrás descubra imensas jazidas de petróleo; que os preços do café, da soja, do açúcar, do cacau e do minério de ferro disparem para cima; e que as taxas de juros voltem rapidamente para os 6% ao ano — que era o patamar por onde andavam antes de outubro de 1979.